



1.  
*Vitruvius*, 2021  
Latão e linhas de multifilamento verde  
[Brass and multifilament green thread]  
PA 1 (5 + 1 PA)  
200 x Ø 27 cm

2.  
*Sputnik*, 2021  
Madeira e latão [Wood and brass]  
PA 1 (5 + 1 PA)  
Dimensões variáveis x Ø 20 cm

3.  
*XX*, 2020  
Madeira cabreúva, latão e cabo de aço  
[Wood, brass and steel cable]  
PA 1 (5 + 1 PA)  
240,5 x Ø 9 cm

4.  
*Eclíptica*, 2021  
Aço inoxidável e linhas multifilamento preto  
[Stainless steel and multifilament black thread]  
PA 1 (5+ 2PA)  
240 x 27 x 25 cm

## KUBIKGALLERY

info@kubikgallery.com  
www.facebook.com/kubikgallery  
www.instagram.com/kubikgallery  
www.twitter.com/kubikgallery

**kubikgallery.com**

### APOIO [SUPPORT]

**Porto.**

### CO-FINANCIADO



5.  
*Constante*, 2019  
Alumínio e cabo de aço [Aluminium and steel cable]  
PA 1 (5 + 1 PA)  
240 x Ø 11 cm

6.  
*Sem título da série Dardo #02*, 2012  
Latão [Brass]  
Edição 11/25  
25 x Ø 1,3 cm

7.  
*Tessera #03 (diptico)*, 2014  
Aço inoxidável [Stainless steel]  
PA 1 (57+2 PA)  
16 x Ø 12 cm / 16 x Ø 5 cm

8.  
*Esquadro*, 2014  
Madeira [Wood]  
2/10 + 2 PA  
45 x 29 x 8 cm

9.  
*Chirico #3*, 2015  
Latão [Brass]  
1/5 + 1 PA  
1 x 43 x 18 cm

10.  
*Hikoboshi*, 2016  
Alumínio e latão [Aluminium and brass]  
PA 1 (5 + 2 PA)  
45 x Ø 11 cm (cada/each)

11.  
*Casa se Movente*, 2003  
Madeira e aço inoxidável  
[Wood and stainless steel]  
1/15 + 2 PA  
12 x 8 x 15 cm

12.  
*Pantográfica*, 2015  
Madeira e latão [Wood and brass]  
PA 1 (5 + 2 PA)  
5 x 102 x 68,5 cm

13.  
*Sem título da série Dardo #01*, 2012  
Latão [Brass]  
Edição 10/15  
49 x Ø 25 cm

14.  
*Agulha #30*, 2010  
Madeira jacaranda [Jacaranda wood]  
1/5 + 2PA  
134 x Ø 7,5 cm

15.  
*Sextante #03*, 2020  
Latão e linhas de multifilamento verde  
[Brass and multifilament green thread]  
PA 1 (5 + 1 PA)  
Pêndulo; 110 x Ø 12 cm  
Instalação: dimensões variáveis

*Frank #02*, 2020  
Latão e linhas de multifilamento verde  
[Brass and multifilament green thread]  
PA 1 (5 + 1 PA)  
Pêndulo: 110 x 12 x 12 cm  
Instalação: dimensões variáveis

16.  
*Sem título da série Rio Corrente*, 2011  
Madeira peroba do campo, latão e aço inoxidável  
[Wood, brass and stainless steel]  
2/5 + 1 PA  
6 partes de 25 x 9 x 2 cm

## ARTUR LESCHER - ESCULTURAS

ARTUR LESCHER

**13.11.2021 - 08.01.2022**

Para mais informações por favor contactar [For further information please contact]

info@kubikgallery.com

www.kubikgallery.com

KUBIKGALLERY

**TEXTO:****MARTA RODRIGUES**

Artur Lescher (1962, São Paulo, Brasil)

Natural de São Paulo, onde reside e trabalha. Algumas de suas últimas exposições individuais são: Artur Lescher: suspensão, Estação Pinacoteca (2019), São Paulo, Brasil; Asterismos, Almine Rech Gallery (2019), Paris, França; Porticus, Palais d’Iéna (2017), Paris, França; Inner Landscape, Piero Atchugarry Gallery (2016), Pueblo Garzón, Uruguai.

Participações em exposições coletivas recentes incluem: Tension and Dynamism, Atchugarry Art Center (2018), Miami, Estados Unidos; Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo Atchugarry, Fundación Pablo Atchugarry (2017), Maldonado, Uruguai; Everything you are I am not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection, Mana Contemporary (2016), Nova Jersey, Estados Unidos; El círculo caminaba tranquilo, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA) (2014), Buenos Aires, Argentina; The Circle Walked Casually, Deutsche Bank KunstHalle (2013), Berlim, Alemanha.

Tem obras em importantes coleções como: Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina; Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, Estados Unidos; Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, Estados Unidos; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil.

É no âmbito do programa InResidence que trazemos Artur Lescher de São Paulo até ao Porto para a primeira exposição individual do artista em Portugal. Depois de uma “conversa de café” entre o artista e o Diretor da galeria durante a qual se trocaram ideias sobre espacialidade, arquitetura, astronomia e outros devaneios, surge este texto expositivo, que inicia nas próprias palavras do artista.

*“Eu acho muito bonito essa ideia da arte que ela pega num material e para ela criar um significado novo ela precisa silenciar o que veio, para um significado novo é como se fosse rebatizar, tira o nome daquilo para você poder dar um nome novo. Esse exercício é muito da arte, porque é que eu posso chamar uma rede de metal com aço de rio? E isso parecer verdade? É esse processo que eu acho que é uma elaboração formal interessante, é tudo um trabalho de tirar um significado e botar outro.”*

A obra de Artur Lescher começa no desenho de observação, uma relação direta do olhar com o espaço real, um exercício que persiste na sua prática e que liga o trabalho com a arquitetura. A maioria das obras do artista dependem do espaço arquitetónico, elas estão em suspensão e precisam do piso, do teto, das paredes, são construídas dentro da própria arquitetura e elas entranham-se nela, “como se fosse um daqueles bichos ou aquelas plantas que se hospedam na arquitetura.” Apesar dos trabalhos serem produzidos independentemente do espaço, nunca vemos na obra de Lescher um trabalho que tenha uma base, um suporte neutro dentro de uma arquitetura.

Para além desta conexão espacial, existe também no seu trabalho uma atenção na escolha dos materiais e na forma como são construídas as relações e tensões entre os elementos, no sentido de provocar uma reação no próprio espaço, uma crise espacial que questiona a gravidade, o fluxo.

A ideia de fluxo está muito presente no trabalho de Lescher mas nem sempre relacionado com o espaço em si. Também pode aparecer na própria obra como é o caso dos trabalhos a que o artista chama de Rio. Aqui o rio não é um rio natural, não é uma representação de um rio, neste caso o artista leva o nome emprestado para aplicar numa ideia

de circularidade e a palavra rio transforma-se numa imagem, numa narrativa de ações e circularidade. Estas obras tocam muito nessa relação com os materiais: como é que um rio pode ser feito de aço? Como pode ser tão pesado? Ou como é que um rio pode ser feito de feltro?

Eventualmente, o artista entende que a relação do seu trabalho com a arquitetura poderia ser expandida, que não precisa de terminar na parede ou no teto, que poderia atravessar a arquitetura. Este entendimento foi descoberto em Portugal, em Tomar, quando Lescher percebeu que esta cidade foi sede de pesquisas das navegações e que existia uma relação entre a cidade, o castelo e as estrelas. Esta relação pode ser entendida como algo irracional no ponto de vista racionalista da arquitetura, mas para o artista abriu caminho para um outro pensamento na sua prática artística que levou aos “*Asterismos*”, às suas construções de constelação.

A instalação apresentada na sala 3 foi desenvolvida especialmente para esta exposição e é um Asterismo. São dois pêndulos, mas são também constelações do imaginário, não reconhecidas pela ciência, que o artista desenhou no espaço com massas de peso e linhas que se projetam e se cruzam, elas atravessam o espaço e continuam até ao infinito, até às estrelas. Misturando a ciência e a ficção, o artista relaciona os dois pêndulos, a astronomia e a astrologia, desenhando no espaço como se fosse o céu sem fim.

Por fim, o artista faz o pedido a quem observa, pois é o observador que fecha o ciclo, que torna visível a obra de arte, que olhe para cima e para baixo, que siga os fluxos que o artista determinou, pois, “*a obra nunca existe autónoma, ela precisa tanto de contexto da arquitetura quanto da presença do observador que experimenta essa relação.*”